

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DIVERSIDADE

William Carlos Jesus da SILVA (UFS)
Rafael Campos ANTONINO (UFS)

Resumo: O trabalho apresentado busca examinar as maneiras como os professores de língua inglesa das escolas públicas do estado de Sergipe lidam com aspectos sociais distintos que são encontrados dentro da sala de aula, considerando o caráter social variado existente no nosso país e do qual todos os alunos fazem parte. O objetivo principal deste trabalho é apresentar os princípios cartesianos de fragmentação do conhecimento (MORIN, 1990), mostrando que os jovens dentro da sala de aula têm a interação alicerçada na organização social das mais diversas classes sociais, gêneros, religiões, e repensar o papel do professor em meio a esse caos de complexidade. A metodologia teve como base a coleta e análise de dados através de um questionário e entrevistas sobre o comportamento dos alunos acerca da pluralidade que encontram em sala de aula e um grupo focal feito com alguns professores e alunos graduandos no curso de Letras Inglês pela Universidade Federal de Sergipe.

Palavras-chave: formação de professores; diversidade; pensamento complexo; sala de aula

Introdução

Ao se pensar o ensino de língua estrangeira no Brasil é quase concomitante surgirem algumas questões em mente: a importância dessa disciplina em tempos atuais; as necessidades que se apresentam diante de cada aluno que sirva de incentivo para a busca de aprender uma língua estrangeira; e a responsabilidade que existe inerente ao profissional que se dispõe ao ensino das línguas. Essas são algumas das primeiras questões que despertam diante da importância e necessidade de aprender uma língua estrangeira. São questões que não apresentam soluções simples; ao contrário, elas mudam de acordo com o ser social, tal qual como o ser temporal. E não são apenas as razões para que se aprenda uma língua estrangeira que estão em contínua mudança. Ainda mais transformadora é a forma como o ensino destas vem se transformando durante as últimas duas décadas, transformação motivada principalmente pelo abarcamento de novas tecnologias em todos os segmentos sociais.

As questões sobre as quais esse trabalho se debruça estão mais relacionadas com o papel do educador nessa interação educador-aluno no mundo de hoje, que exige dos educadores novas formas de interação com os alunos, os materiais a eles estabelecidos e

sobretudo a relação com as tecnologias disponíveis. Por exemplo: as dificuldades de perceber o ensino como algo não predeterminado e garantido, como vem sendo compreendido durante décadas, as dificuldades de perceber as diferentes possibilidades de utilizar um livro e as diferenças do público para o qual serão aplicados os métodos de qualquer material didático. Há nesse estudo que aqui apresentamos, ademais, uma preocupação com a perspectiva de responsabilidade ética dos educadores quanto a suas atividades, tópicos contemporâneos que são abordados ou omitidos, tais quais a diversidade, civilidade, entre outros que serão posteriormente discutidos; temas estes que são muito relevantes para a construção do ser social, o maior objetivo do educador.

Dos tantos desafios que se apresentam na educação, um dos principais é a forma como se é estruturada a percepção do conhecimento a partir da construção desse mesmo conhecimento durante os últimos três séculos, principalmente os traços dessa construção que renderam diversos problemas de entendimento da realidade, o produto desse equívoco essencial é denominado por Morin de “inteligência cega”, que “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada [...]”. As disciplinas das ciências humanas não têm mais necessidade da noção de homem” (MORIN, 2011). O mesmo autor posteriormente nos apresenta o entendimento da necessidade do pensamento complexo, de como desenvolver um pensamento rico em complexidade para que possamos enfrentar a multiplicidade antropológica, e não a ocultar ou anular: “Precisamos compreender que continuamos na era bárbara das ideias. Estamos ainda na pré-história do espírito humano. Só o pensamento complexo nos permitirá civilizar nosso conhecimento” (MORIN, 2011).

Diante de tantos dilemas que a educação em nosso país experimenta, surge a indagação dentro de um núcleo de pesquisa na Universidade Federal de Sergipe: “Quais seriam os principais problemas que mais afligem os Professores de Língua Inglesa dentro da rede pública de ensino em Sergipe?”. Buscando um melhor esclarecimento dessa problemática, foi desenvolvida essa linha de pesquisa onde foram escolhidos professores da rede pública de ensino em Sergipe, e alunos desse mesmo universo. Foram elaborados

questionários os quais deveriam ser preenchidos pelos participantes, assim como foram realizadas entrevistas com estes, a fim de obter deles informações sobre quais seriam os maiores bloqueios, resistências e sacrifícios presentes no compromisso em lecionar a língua inglesa na educação pública em Sergipe.

Como instrumentos de levantamento de dados foram utilizados, na primeira etapa, o questionário e a entrevista, entrevistas essas que foram realizadas a partir de perguntas elaboradas a respeito do assunto de diversidade além da apresentação de algumas imagens¹ usadas para o melhor desenvolver da conversa. Responderam ao questionário cerca de 50 graduandos e 15 professores. Para as entrevistas, foram escolhidos 10 graduandos e 10 professores. Nesta segunda etapa, faremos num primeiro momento a transcrição e análise das entrevistas. Em seguida criamos um grupo focal com 3 graduandos e 3 professores do estado. Com esses grupos fizemos discussões sobre os temas em questão, tanto presencialmente quanto por meio de redes sociais digitais. O grupo focal (KRUEGER; CASEY, 2000) permitiu não apenas o levantamento de dados, mas também uma troca de ideias entre os participantes, provavelmente proporcionando também um olhar mais aprofundado sobre as práticas, ideias e valores desses professores. Por fim, ao final do processo foi possível ter uma dimensão melhor sobre a formação de professores de inglês em Sergipe, em especial no que se refere aos temas de diversidade, permitindo ainda a formulação de propostas para a atualização desse campo em Sergipe.

Por fim, a equipe de pesquisadores tem adotado também o diário de campo como forma de registrar suas impressões sobre o processo.

Diversidade²

Quando iniciamos as discussões acerca do assunto de diversidade dentro da sala de

1 Ver Anexo.

2 As convenções para a transcrição das entrevistas são as seguintes:

Negrito – Ênfase na entonação

E – Entrevistador

P – Professor da rede estadual

G – Graduando em letras da universidade federal de Sergipe

aula, pudemos perceber o tanto de informação que podia ser colhido, informações estas que mostravam que de fato a sala de aula era um campo extremamente diverso e inesperado. Os professores então entrevistados traziam questões dos mais variados tipos e isso enriqueceu e muito a nossa perspectiva para com o tema que estávamos tratando. Isso nos fez ter certeza de que a diversidade dentro da sala de aula é um aspecto incrivelmente aparente e que tem total sentido ao conceito de caos e complexidade em um ambiente (MORIN, 1990).

No meio desses rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 1995) de tantos acontecimentos, informações e eventos que ocorrem diariamente na sala de aula que nós temos o professor que precisa envolver-se e aprender não só com os alunos, mas com as situações trazidas por eles. Por esse motivo foi escolhido como o foco destas discussões alguns importantes temas que servem para o engajamento do professor em relação ao conceito da diversidade dentro de sala de aula. Tais temas como, quanto a vontade está o professor de língua inglesa para abordar esses assuntos em sala de aula. Como ele pode usar a matéria de língua inglesa para abordar tais conceitos, se a formação que ele teve foi útil para o desenvolvimento de tais questões e se de fato ele está disposto a dar continuidade no assunto mesmo estando ou não o assunto no currículo escolar. Desta maneira foram utilizadas então, as entrevistas realizadas nos meses de setembro a dezembro de 2018 para análise e discussão sobre o assunto proposto nesta etapa e os grupos focais realizados de janeiro até maio deste ano para outra etapa a ser discutida. Temas estes que foram levantados e discutidos a partir da coleta de dados obtida tanto nas entrevistas quanto no grupo focal e após uma análise bem cuidada podemos chegar aos resultados obtidos nos parágrafos seguintes.

Dando seguimento será colocado logo abaixo um trecho de uma das reuniões do grupo focal realizada este ano no momento em que se discutia a questão das transformações entre a infância e a adolescência. Um dos professores relatou que, enquanto conversava com a coordenação e professoras, o assunto da diversidade de gênero entrou em pauta:

P01: - Como você passa pelas séries, você vê a evolução dos meninos e meninas ao longo do tempo e você percebe que o corpo também fica diferente. Esse ano agora descobri que a coordenadora estava dizendo que a sala estava cheia de menina que é lésbica e cheia de menina que é bissexual

e os professores estão com facilidade em dizer que isso é modismo, dizendo que a televisão está influenciando

E01:– Essas professoras são evangélicas?

P01: - Eu não sei, mas elas têm ideias de serem um pouco conservadoras aí eu atribuo a isso sabe? Pois eu até estava conversando com a professora de história e ela estava me dizendo que na época dela não via assim tão aberto ela não via o interesse pelas meninas do mesmo sexo. Na minha lógica né, como a sociedade mudou é preciso que tenha uma liberdade maior para os adolescentes não se sentirem inibidos de tentar...

E01: - Como é que essa formação lida com isso? Será que isso seria algo próprio do inglês?

P01 – Eu tenho um problema muito sério porque eles revelam a sociedade e eu percebo estando do lado de fora e como eles revelam essas coisas muito fácil então eu penso que a língua é um meio de se abordar tudo. No entanto que os alunos retrucam quando eu falo sobre gênero.” Isso é aula de biologia ou inglês?” Porque está passando um texto referente a biologia? Porque também é língua, porque com a língua eu posso falar sobre biologia.

Como visto no trecho acima, é perceptível que a sala de aula não está mais voltada aos padrões de antigamente e vem se reformulando com o passar das décadas, socialmente nós temos novos tipos de alunos que como citados acima seguem novas tendências. A determinação que trazia o professor como o “iluminador” e centro de toda a aula foi substituída por um professor que precisa estar preparado para a diversidade da sala de aula, que não tem total controle sobre as informações pautadas e está à mercê do imprevisto, desenvolvendo sua aula a partir do ambiente extraescolar (ZACCHI, 2015). No final do trecho o professor afirma que possui um problema em lidar com o imprevisível em sala de aula com relação a temas como esse, mas evidencia que a língua pode ser o recurso necessário para que se possa se relacionar com o aluno e se desenvolver mutuamente com ele neste aprendizado que deve ser feito de maneira constante entre todos os lados.

No próximo trecho está o depoimento de uma professora de uma escola estadual em uma das entrevistas realizadas em dezembro de 2018. Ainda seguiremos discutindo qual é a perspectiva dos professores sobre o cenário da diversidade em sala de aula e o que eles acham em relação ao estudo de sua formação acadêmica em virtude desse tipo de cenário escolar no qual eles foram inseridos.

P02- o professor teria que mediar. No caso eu teria que mediar porque respeito é uma coisa que é complicada para eles. Pronto, tinha uma menina no primeiro semestre, eu tinha esquecido disso, tinha uma menina no primeiro semestre que ela dizia que ela era homossexP02- o professor teria que mediar. No caso eu teria que mediar porque respeito é uma coisa que é complicada para eles. Pronto, tinha uma menina no primeiro semestre, eu tinha esquecido disso, tinha uma menina no primeiro semestre que ela dizia que ela era homossexual. Só que assim, ela era muito complicada, ela começou a assediar a professora de história porque a professora de história é toda bonitona.

E01- qual a idade dela?

P02- ela tem 13 anos. Só que todo mundo “ah você é sapatona”. Mas ela vivia com palavrões de órgãos masculinos na boca (risos) falava o tempo inteiro. Ela chegou até a ser expulsa da escola depois porque ela fez muitas coisas...

E01- isso foi em Propriá?

P02- foi em Propriá, nessa escola mais difícil. Ela fez muitas coisas assim; ela colocou o nome dessa professora que ela assediava na parede, e colocou um monte de obscenidades que ela fala para essa professora, pintou mesmo a parede.

[...]

E01- como é que você apoiaria um aluno que dissesse que quer usar as guias de candomblé.

P02- eu acho que ele tem o direito é porque para a gente parece um pouco mais natural.

E01- mas a comunidade onde você está inserida...

P02- é, mas tentaria ver assim eu estou usando o que aqui? Eu estou usando um santinho, eu estou usando um escapulário? Pronto, então por que ele não pode usar o da religião dele? É a mesma coisa, só que é a religião dele. Qual a diferença? Você não gosta de pizza? Você não gosta de salada? Pronto, gostos diferentes. Ia dando murro em ponta de faca até que consiga abrir um pouquinho a mente deles.

E01- e você acha, pensando assim na relação que você encontra em sala de aula, que essas questões⁵ surgem, com o que você estudou na universidade (risos) eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

P02- não, não havia esses tipos, eu não me lembro de ter estudado isso na faculdade.

E01- a graduação preparou você para isso?

P02- não. Não preparou. Infelizmente não. Assim, obviamente eu aprendi muitíssimo com muitas coisas, mas muitas coisas são muito teóricas, são muito utópicas. Algumas das disciplinas que eu acho que foram mais proveitosas em relação a isso foram as disciplinas de psicologia, de desenvolvimento de aprendizagem. Que eu acho que explicam muitas coisas,

5 Questões em relação a diversidade de religião em sala de aula.

mas de metodologia essas coisas.... É diferente, você está em sala de aula e surgem coisas, é uma profissão que você nunca cai na rotina. Porque sempre surgem coisas que você fica tipo, oxente.

E01- você acha que essas são questões relevantes para você levar para sala de aula?

P02- são. Até porque assim, mesmo que não haja alunos com essa realidade nesse momento, mas você traz, porque durante o ano inteiro surgem alunos novos, então é importante você sempre ir falando sobre isso para que eles estejam um pouco mais preparados.

E01- e você vê isso sendo possível de acontecer ao longo das aulas de inglês?

P02- vejo. Essa questão de candomblé e tal ela era trabalhada em sociedade e cultura, eu sei que ela é trabalhada em sociedade e cultura, tem o dia da consciência negra, tem outras coisas e eles trabalham.

Esta professora então citada, assim como outras ao longo da entrevista, possuem firmeza ao dizer que a formação acadêmica que tiveram não seria o suficiente para que pudessem lidar com os conflitos, como o caso do assédio que foi relatado no primeiro parágrafo, envolvidos em sala de aula construídas nesse cenário. Como alternativa a professora lembrou que teve aulas de psicologia como grade opcional de seu currículo escolar que contribuíram para que ela pudesse ter uma noção e até quem sabe de alguma forma ajudar os alunos em seus diversos aspectos de diversidade. Mesmo assim como no outro caso, o das guias de candomblé, a professora evidencia a importância dela como professora de inglês para confrontar esses assuntos e trazer para sua aula uma forma de ao menos conversar sobre o tema uma vez que a aula está em constante mudança e com novos alunos o tempo todo e desta forma esse ponto deveria ser sempre lembrado de tempos em tempos.

De acordo com essas e outras indagações feitas pelos entrevistados pudemos perceber o quanto os professores podem aprender com os alunos, tanto quanto ou até mais do que aprenderam na formação a respeito da questão de diversidade. Podemos assim tirar como base teórica os pensamentos de multiletramentos, em que o corpo e espaço, no caso os alunos e o ambiente escolar, acabam trazendo o recurso necessário para que o professor possa se sentir apto a trabalhar as questões das quais não teve embasamento total em sua formação acadêmica (LEANDER; BOLDT, 2012).

No próximo trecho será analisada a perspectiva de uma professora com 30 anos de

experiencia em sala de aula, que vivenciou diferentes tipos de métodos e abordagens e teve a chance de reformular a sua identidade com os mais variados tipos de alunos que passaram por sua vida, vale lembrar que a professora atualmente trabalha em uma escola no Bairro em Aracaju, localizada na região central da capital, em um local que serve de entrada e saída para o centro da cidade. Quando confrontada pela pergunta se a formação acadêmica havia preparado ela para enfrentar a diversidade que ela vivenciaria em sala de aula a resposta dela foi direta.

P03- pode perguntar, o que eu puder ajudar estou aqui a disposição. Uma professora que já tem muitos anos e a gente tem que se adequar as modificações né, não é igual a um aluno que está saindo da universidade agora, já tem um acesso maior.

E01- a nossa ideia é ter os vários para contrastar mesmo.

P03- inclusive a universidade a gente aprende muito lá, mas quando a gente vai trabalhar em uma escola é que a gente realmente vê que a realidade. As vezes a gente aprende lá, mas vê tudo lindo e maravilhoso. Mas na realidade, chega na escola pública você vê de tudo né. Graças a Deus aqui nessa escola a gente tem alunos que não é tanto, mas tem aluno que passa fome, que só come na escola. Aqui a gente tem muito, alunos com mil problemas familiares, todo mundo tem mas tem uns que são muito graves. Aluno que sofre assédio, padrasto assedia as meninas e a mãe não acredita. Já vi vários casos aqui da gente ter que chamar conselho tutelar aquela confusão toda porque é complicado. Mas é só na televisão, não, eu já vi muitos casos aqui na escola desses problemas assim.

E01- e então o curso, a graduação

P03- não prepara. Aí você fica assim meu Deus vou fazer o que com essa menina, vou fazer o que com essa criança. E não é só menina, é menino também. Acontece com os meninos também, muito menos, mas acontece. E até ele chegar para contar a gente passasse um tempo né. Acho que quando eles simpatizam com um professor, sentem aquela confiança, é que vai procurar né.

E01- então tem gente que fala “não, esse não é o meu papel, não estou aqui para isso, não fui formado para isso, minha função é outra.”

P03- pode não ser meu papel, mas eu me envolvo, eu quero ajudar. Hoje mesmo de manhã teve uma aluna que chegou na sala da coordenação, eu estava ajudando a tirar umas copias da prova e a menina chegou em prantos ela não se controlava, chorando, chorando. Depois que a gente conseguiu que ela se controlasse que a gente foi vê era porque ela tinha discutido com uma colega.

Quando pensamos na formação de professores, pensamos logo na identidade

profissional, mas a identidade do profissional se reconstrói logo depois da escolha pela profissão seguindo um processo que se seguirá dando continuidade a sua formação acadêmica. Sendo assim a identidade é dinâmica, contraditória e constante, mudando no decorrer do tempo (NORTON, 2008). Assim, quando um profissional finaliza a graduação, não significa que essa identidade esteja acabada e pronta, que a partir dali ele estará se inserindo no mercado de trabalho como um profissional formado, completo e finalizado, cuja única preocupação seria iluminar os alunos sobre os elementos técnicos de sua prática.

Considerando o tempo de vivência e o ano de formação acadêmica da professora em questão, ano de 1993, a resposta não foi muito diferente da dos outros, podendo-se ver a necessidade que ela e outros professores tiveram em desenvolver suas performances baseado nas informações passadas pelos alunos e suas experiências vividas. A professora então, mesmo que ela acredite que não seja seu papel como professora de inglês, se envolve no complexo ambiente criado pelos alunos em sua diversidade e tenta abordar o assunto junto com os alunos.

No próximo exemplo abordamos a fala e compreensão dos alunos graduandos do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Federal de Sergipe. Este em particular, apesar de ainda não estar formado, já participou de projetos sociais em ensino de línguas na periferia.

E01 – Então disso tudo que você tá falando, bom você tá começado agora aqui no curso, você acha que você está falando da experiência de quando você foi de certa forma desenvolvendo isso. Mas você acha que o curso de letras vai te preparar pra isso?

G01 – Não. O curso de letras vai me ajudar no ensino didático, mas no empírico, na vida real é diferente. E vem outra questão. Será que os que estão aqui realmente queriam ser professores ou será que eles não tiveram nota melhor, será que essa não é a realidade não é a sala inteira? Então como vocês veem eu dava aula de graça. Não vou dizer que eu sou o bem-feitor ou o salvador da pátria. É um prazer próprio, mas que traz um reflexo na vida deles. Mas é algo que eu tenho como ofício. Então vou dar um exemplo a questão de Saussure você vai viajar comigo. Eu vou melhorar como professor, ele vai me dar noções de conceitos que eu não tinha antes e vai ensinar a trabalhar todo o abstrato que estava nessa mente doida. Ele vai me fazer somar para estudar novas abordagens para eles sem contar que irá

somar como ser humano, eu costumo dizer que eu sei falar em várias línguas e que também sou um idiota em várias línguas. Eu sou eu mesmo e não ligo para adaptações linguísticas. Como vou falar com meu chefe, isso eu aprendo a falar como ser humano, melhorar desse jeito. Minha postura tem mudado desde o início do curso também e as questões do português porque o curso é português inglês também. O que mais tem me ajudado é dar nome aos bois por exemplo, significado e significante.

Mais uma vez o aluno que está ainda nas fases iniciais de sua graduação, mas que já deu aulas por conta própria, afirma que a graduação lhe ensinará técnicas e abordagens necessárias para ensinar a gramática da língua inglesa, ou seja lhe dando uma competência, termo este já usado por Canagarajah para representar o saber interiorizado que o falante possui, necessária para o exercício do ensino da língua inglesa (CANAGARAJAH, 2018). Mesmo assim o aluno diz que esse conhecimento provavelmente não lhe dará tal saber suficiente para lidar com a sala de aula no quesito diversidade, entre outras coisas.

Conclusão

Neste trabalho, procuramos mostrar a importância da diversidade social na sala de aula de língua inglesa. Nesse caso, mais especificamente, a necessidade de levar esse item em consideração na formação de professores, que estão constantemente expostos a cenários cada vez mais incertos e imprevisíveis em sala de aula.

Dessa forma, ter o domínio do conteúdo a ser ensinado não é suficiente, pois é o contexto da sala de aula, em constante mutação, que poderá definir as pautas a serem trabalhadas. Isso obviamente não retira a necessidade do ensino da língua inglesa, mas ele não pode ser visto como algo desconectado da realidade social. Como vimos acima, a diversidade social pode ser a fonte de uma grande gama de possibilidades quando se pensa em realidade social e o mundo de vida dos alunos, reforçando a ideia de que o professor de língua inglesa atua num cenário altamente incerto e inesperado.

Referências

CANAGARAJAH, Suresh. Competence Perspectives from International STEM Scholars. *The*

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Modern Language Journal, 102, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, v. 1, 1995

KRUEGER, Richard; CASEY, Mary Anne. *Focus groups: A practical guide for applied research*. Thousand Oaks: Sage, 2000.

LEANDER, Kevin.; BOLDT, Gail. Rereading “A pedagogy of multiliteracies” bodies, texts, and emergence. *Journal of Literacy Research*. v. 45, n. 1, 2012.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. São Paulo: Instituto Piaget, 1990.

_____. *O Método - A Natureza da Natureza*. 3. ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Publicações Europa-América, LDA, 1997.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011).

NORTON, Bonny. Identity, language learning and critical pedagogies. In: CENOZ, J.; HORNBERGER, N. H. (Eds.). *Encyclopedia of language and education*, 2nd edition, v. 6. *Knowledge about language*, 2008.

SOUZA, Lynn. O Professor de Inglês e os Letramentos no século XXI: métodos ou ética?. In: JORDÃO et al (eds.) *Formação "Desformatada": práticas com professores de língua inglesa*. São Paulo: Pontes, 2011.)

ZACCHI, Vanderlei J. Esperando o inesperado: formação de professores numa era de incertezas. In: MOTA, Mailce B. et alii. *Língua e literatura na época da tecnologia*. Florianópolis: EDUFSC, 2015. p. 269-274.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

ANEXO

Imagens usadas nas entrevistas

